

# UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos  
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes  
Janara Sousa  
Ruth Reis  
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC  
LIVROS

# Um grito no ar

*Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais*

---

## **Organizadoras**

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

**Foto Capa** Daniel Castellano (Gazeta do Povo)  
**Agradecimentos** Ângela Alves Machado  
**Diagramação** LaPCom  
**Apoio** Lizely Borges



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB**

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,  
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627  
E-mail: fac@unb.br

**DIRETOR**  
Fernando Oliveira Paulino

**VICE-DIRETORA**  
Liziane Guazina

**CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO**

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e  
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

**CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)**

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard  
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti  
(UFSC).

**CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)**

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo  
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng  
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

**SECRETARIA EDITORIAL**

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica

---

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /  
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.  
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

---

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.  
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>ALEXANDRE MARCELO BUENO.....</b>	<b>9</b>
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
<b>ANA JÚLIA RIBEIRO .....</b>	<b>26</b>
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
<b>ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE .....</b>	<b>30</b>
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
<b>BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE .....</b>	<b>34</b>
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
<b>BRUNELA VINCENZI.....</b>	<b>47</b>
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
<b>CARLA CERQUEIRA.....</b>	<b>52</b>
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
<b>CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO .....</b>	<b>59</b>
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
<b>CICILIA M.KROHLING PERUZZO .....</b>	<b>65</b>
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
<b>CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI .....</b>	<b>71</b>
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
<b>DÁRIO BOSSI.....</b>	<b>76</b>
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
<b>DEOLINDA CARRIZO .....</b>	<b>90</b>
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
<b>EDNA CALABREZ MARTINS.....</b>	<b>94</b>
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
<b>ERIKA CAMPELO.....</b>	<b>108</b>
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
<b>FRANCESCA GARGALLO.....</b>	<b>119</b>
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
<b>FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN .....</b>	<b>134</b>

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
<b>GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO</b> .....	<b>142</b>
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
<b>JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA</b> .....	<b>150</b>
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
<b>JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ</b> .....	<b>157</b>
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
<b>KEILA SIMPSON</b> .....	<b>166</b>
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
<b>LAM MATOS</b> .....	<b>173</b>
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
<b>LYDIA ALPIZAR</b> .....	<b>179</b>
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
<b>MÁRCIO ZONTA</b> .....	<b>193</b>
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
<b>MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA</b> .....	<b>197</b>
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
<b>MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA</b> .....	<b>206</b>
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
<b>MARIA LUCIA LOPES DA SILVA</b> .....	<b>217</b>
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
<b>MARINA POGGI</b> .....	<b>232</b>
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
<b>MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO</b> .....	<b>242</b>
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
<b>MÔNICA CUNHA</b> .....	<b>259</b>
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
<b>OMAR CERRILLO GARNICA</b> .....	<b>265</b>
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
<b>PRISCILA GAMA</b> .....	<b>272</b>
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
<b>RAFAEL FORTES</b> .....	<b>277</b>

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
<b>RENATO JANINE RIBEIRO</b> .....	<b>288</b>
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
<b>ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA</b> .....	<b>298</b>
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
<b>ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA</b> .....	<b>305</b>
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
<b>TÂNIA CRISTINA CRUZ</b> .....	<b>311</b>
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
<b>TÂNIA MARIA SILVEIRA</b> .....	<b>316</b>
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
<b>THIAGO APARECIDO TRINDADE</b> .....	<b>325</b>
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
<b>VAGNER FREITAS</b> .....	<b>337</b>
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
<b>A CAPA</b> .....	<b>342</b>
<b>AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>343</b>

*“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,*

*PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)*

---

*“A maior disparidade entre o enquadramento negativo dos movimentos sociais presente na cobertura da grande imprensa na França e no Brasil se refere à recepção da informação, à força de assimilação que ela encontra no Brasil, onde grande parte da classe média e alta despreza os mais pobres”.*

---

**ERIKA CAMPELO**

## **Desconstrução dos estereótipos sobre as minorias**

*Janaina Cardoso da Silva<sup>1</sup>*

*Érika Campelo milita há 15 anos no terceiro setor na França junto a movimentos sociais franceses e brasileiros. Por sete anos, foi uma das coordenadoras do Fórum Internacional de Mídias Livres pela ONG de solidariedade internacional Ritimo. Em 2002, fundou a ONG Autres-Brésils, que viabiliza uma cobertura jornalística e cinematográfica analítica acerca da complexidade social brasileira, longe dos clichês e do reducionismo habitual dos meios de comunicação hegemônicos franceses. A ONG publica traduções de artigos produzidos pelas mídias e jornalistas independentes, intelectuais e integrantes de movimentos sociais brasileiros acerca da conjuntura política e social do Brasil. Além disso, desde 2005, realiza anualmente o único festival de documentário social brasileiro na Europa, o Brésil en Mouvements. Desde janeiro de 2017, Campelo atua na ONG VoxPublic, com um trabalho de apoio a associações e movimentos sociais que lutam contra o racismo, discriminação e injustiça social na sensibilização de políticos e da grande mídia francesa, transformando lutas em leis e fortalecendo vozes, por vezes abafadas, em ecos com alcance da opinião pública.*

---

<sup>1</sup> Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Sua pesquisa acadêmica aborda o trabalho de desconstrução de uma percepção estereotipada do Brasil, na França, através das temáticas e debates promovidos pelo festival de cinema documentário social brasileiro, Brésil en Mouvements. E-mail: janacard36@hotmail.com

*Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.*

Acredito que muitas foram as conquistas dos movimentos sociais nos últimos 20 anos. A mudança está, sobretudo, no fortalecimento da articulação provocada pelas novas tecnologias que propiciam um incremento no impacto de suas ações. Um exemplo seria o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) no Brasil, mundialmente emblemático, um dos maiores movimentos sociais do mundo. O MST cresceu e mudou muito nos últimos anos. O trabalho de base localizado, iniciado em 1984, no Rio Grande do Sul, com a brilhante tarefa de educação e emancipação de famílias de pequenos agricultores através do estímulo de uma visão crítica acerca das injustiças presentes nas relações de poder com os grandes latifundiários, foi se modernizando em formato, linguagem, imagem e ações. O MST, assim como diversos movimentos sociais pelo mundo, teve que se adaptar à velocidade e a voracidade do contexto neoliberal e suas grandes transnacionais ligadas a diferentes grupos financeiros com poderes que ultrapassam a supremacia dos Estados Nações. Foi necessário manter o trabalho de formação de suas bases, porém, inserindo novas ferramentas e desenvolvendo estratégias mais eficazes de sensibilização da opinião pública, políticos, parcerias e adesão de novos membros.

Inspirado pelo movimento mexicano Zapatista<sup>2</sup>, o MST decidiu se apropriar da própria comunicação e da narrativa sobre si mesmo, se libertando da restrita cobertura da grande mídia, construindo e divulgando a sua própria mensagem sem mediação, fortalecendo, assim, sua capilaridade e imagem nacional e internacional, principalmente através da internet. Movimentos de base, como o *Droit Au Logement* (DAL)<sup>3</sup> na França, muito enraizados com a população que compõe o público alvo, assim como o MST, também aderiram às possibilidades digitais como as redes sociais para se articular com outros movimentos, influenciar a opinião pública e pressionar congressistas, sem, claro, olvidar suas ações nas ruas.

Através da soma de forças entre as ocupações, acampamentos, passeatas e a agilidade de interconexão, o DAL conseguiu aprovar a *loi DALO (Loi au Logement Opposable)*,<sup>4</sup> que legitima o direito de moradia, permitindo a todo cidadão regularizado, francês ou imigrante, que não conseguir moradia, mover uma ação na justiça contra o governo a fim de garanti-la. Aos poucos a rede, aliada a outras ações, vai criando e apontando novos caminhos que viabilizam a transformação de pautas de lutas sociais em leis e resoluções, desenvolvendo um contraponto na mediação com a opinião pública. Além disso, as novas mídias livres e alternativas que atuam

---

<sup>2</sup> O **Movimento Zapatista** é formado por camponeses e indígenas mexicanos que defendem uma gestão mais democrática do território. Criado em 1994 na região de Chiapas, no México, o movimento, apesar de se apresentar como guerrilha, não usa de violência em suas ações. Sua luta é a defesa de uma gestão mais democrática do território, a participação direta da população nas decisões do país, a promoção da partilha da terra e da colheita, além da preservação do passado e da tradição indígena do povo mexicano. São declaradamente antiglobalização.

Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/movimento-zapatista>> Acesso em: 28 de maio de 2017.

<sup>3</sup> Direito à Moradia. Tradução nossa.

<sup>4</sup> Lei da moradia obrigatória. Tradução nossa.

na França, em plataforma 100% digital, com boa audiência como o site *Basta!*<sup>5</sup> e o *Mediapart*<sup>6</sup> igualmente, contribuem para a consolidação e construção de uma outra representação dos movimentos sociais graças a uma cobertura em grande angular.

*Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.*

A dominação e hegemonia ideológica da grande imprensa é similar em todos os lugares do mundo. No Brasil, contudo, ela é extrema devido a um Estado Democrático, por vezes, impotente, e a pouca regulação da mídia por parte dos órgãos públicos. A legislação brasileira no que diz respeito à comunicação é, ainda, muito frágil. É preciso reestruturação no setor levando em conta as reivindicações da sociedade civil brasileira e dos movimentos sociais por um efetivo direito à comunicação. Na França, dez famílias milionárias<sup>7</sup>, algumas com representação no Senado, são detentoras dos principais veículos de comunicação franceses.

Um recente episódio ilustra perfeitamente o pilar ideológico da grande mídia francesa. Um CEO, representante da família Bouygues, proprietária do canal de televisão mais popular da França, o TF1, afirmou há alguns anos que a finalidade deste negócio é manter os cérebros dos telespectadores tranquilos, sem reflexão, para que a Coca Cola possa vender seus produtos. Isso é emblemático.

Contudo, a cobertura dos movimentos sociais na França pela grande mídia, ainda assim, é menos tendenciosa que no Brasil, mesmo que continue errônea, como demonstra a narrativa divulgada acerca das manifestações de 2016, contra as reformas<sup>8</sup> da lei do trabalho propostas pelo governo do presidente François Hollande. Mais de 2 milhões de pessoas foram para as ruas do país inteiro em sete manifestações durante o ano, mas a grande imprensa privilegiou destacar os atos de vandalismo cometidos por pequenos grupos de Black Blocks<sup>9</sup> (não representavam 1% do total dos manifestantes). O objetivo foi desacreditar o movimento, vinculando a imagem geral das

---

<sup>5</sup> <https://www.bastamag.net>

<sup>6</sup> <https://www.mediapart.fr>

<sup>7</sup> Bouygues, Xavier Niel, Dassault, Bernard Arnault, Bolloré, Pierre Bergé, Patrick Drahi, François Pinault, Matthieu Pigasse et Lagardère. Disponível em : < <http://osonscauser.com/medias-pourquoi-10-milliardaires-controlent-ils-notre-information>> Acesso em: 28 de maio de 2017.

<sup>8</sup> A reforma da lei do trabalho proposta pelo governo do presidente François Hollande previa o aumento de três anos no tempo para a aposentadoria e flexibilização das formas de demissão.

<sup>9</sup> Na França, milhares de pessoas fazem parte do movimento conhecido como Black Blocks, que integra um movimento maior denominado Autonomes (Autônomos). Os integrantes se consideram anarquistas e participam de todas as manifestações por causas referentes às consequências negativas da globalização. Geralmente, se vestem com roupas escuras, tampam o rosto de forma a não serem identificados e cometem atos de vandalismo durante os protestos. Tradução nossa. Disponível em: <[http://www.liberation.fr/societe/2014/02/23/qui-sont-les-black-blocs\\_982388](http://www.liberation.fr/societe/2014/02/23/qui-sont-les-black-blocs_982388)> Acesso em: 28 de maio de 2017.

manifestações a simples baderna, diminuindo a legitimidade da luta e manipulando a opinião pública a favor das reformas.

Já o tratamento da informação acerca das ações dos movimentos sociais apresentado pelas mídias livres e alternativas na França, que atingem um grande público, é mais crítico, analítico, baseado em um jornalismo investigativo de qualidade. Essas mídias independentes se utilizam de plataformas 100% digitais com sites, rádios, canais web entre outros, com bons índices de audiência. Além disso, os franceses contam com uma educação de qualidade e gratuita, aguçado senso crítico, e são muito habituados a defender coletivamente os direitos conquistados. Portanto, apesar de coberturas tendenciosas, as atuações da grande mídia na França são menos desastrosas que no Brasil em termos de produção de sentidos.

O que me impressiona na narrativa preponderante da grande mídia brasileira acerca dos movimentos sociais desde os anos de 1990, quando eu ainda morava no Brasil, é o viés criminalizante que reflete o monopólio do discurso ideológico simbólico que solidificou uma opinião negativa e individualista do povo brasileiro a respeito dos condutores das lutas sociais.

A vida inteira ouvimos e lemos nas entrelinhas que estruturam as notícias em páginas de jornais, revistas, no rádio e na tv que os movimentos populares brasileiros são criminosos, compostos por vagabundos, liderados por partidos de ideologia comunista e centrais sindicais corruptas. Esse discurso estereotipado parte do pressuposto de que as pessoas que ocupam terras, prédios, param estradas e vão para as ruas se manifestar são pessoas que tiveram as mesmas oportunidades de educação que a classe média e possuem as mesmas chances profissionais de assegurar uma vida estável.

E, infelizmente, o Brasil ainda é um país onde a maioria das pessoas se informa pela televisão, que habitualmente se utiliza da força das imagens para assegurar esse ponto de vista tendencioso e reducionista. Isso nem precisa ser mais provado. Isso é um fato averiguado até mesmo cientificamente pela academia brasileira. Mas, na minha opinião, A maior disparidade entre o enquadramento negativo dos movimentos sociais presente na cobertura da grande imprensa na França e no Brasil se refere à recepção da informação, à força de assimilação que ela encontra no Brasil, onde grande parte da classe média e alta despreza os mais pobres. Há uma percepção destituída de humanidade, uma espécie de retirada do fator humano do pobre no Brasil, fruto de uma sociedade extremamente hierarquizada e desigual. Por isso, as classes mais abastadas se sentem no direito de tratá-los mal, de agredi-los, humilhá-los, assassiná-los, de achar que são preguiçosos e, obviamente, isso impede a comoção e a identificação das classes altas e médias com os problemas e misérias das classes baixas. Um terreno fértil para a consolidação de uma sintaxe discursiva que criminaliza as lutas dos desfavorecidos.

Na França, ao contrário, há um respeito humano maior e uma percepção distinta do mais pobre, que não é visto como vagabundo ou pobre por escolha pessoal. Os franceses possuem um entendimento mais profundo a respeito do contexto social do “outro”, o que no Brasil eu não

consigo enxergar. O pobre francês não tem vergonha de ser pobre. Há uma compreensão geral politizada que trata a pobreza como consequência de políticas públicas e econômicas mal conduzidas, resultando na discrepância de oportunidades, o que torna a luta coletiva e bem menos dependente da classe social.

*De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.*

A concepção sobre a construção social do “outro” é carregada de simbolismos que, frequentemente, criam estereótipos sobre o “outro”. As consequências da visão estereotipada de pessoas, classes sociais e culturas são negativas e diversas. Na França, este “outro” estereotipado é, muitas vezes, o imigrante ou seu descendente, já que como o Brasil, é um país de imigração.

Nos últimos 40 anos, a França recebeu diferentes ondas de imigrantes vindos de regiões da África – principalmente das antigas colônias francesas no Norte do continente africano, como a Argélia -, da África subsaariana e do oriente médio, que vieram tentar uma nova vida na Europa fugindo da miséria, da fome e de guerras. Passados mais de 40 anos, estes imigrantes (re)construíram suas vidas formando famílias na França, contudo sempre foram alvo de vários tipos preconceito racial, social e cultural pela sociedade francesa. Atualmente, vivemos uma estigmatização enorme, por exemplo, em relação aos descendentes de árabes muçulmanos que são constantemente confundidos, no imaginário coletivo, com a imagem de terroristas.

O terrorismo noticiado pela grande mídia, muitas vezes de forma sensacionalista, alimenta no inconsciente coletivo uma imagem que associa o Islã ao terrorismo, quando, na verdade, sabemos que os atos terroristas são realizados por grupos radicais que adotaram o fundamentalismo religioso para conquistar poder político e econômico. Assim, existe um estereótipo preconceituoso consolidado e difundido pelos meios de comunicação que gera um paradigma equivocado disseminador de ódio, segregação e variados aspectos de discriminação.

O senso comum não leva em conta que algumas pessoas envolvidas em atos terroristas são, constantemente, jovens franceses da periferia, radicalizados pelo Estado Islâmico; alguns, até mesmo, sem ascendência árabe. Esse tipo de estereótipo que invade o olhar da sociedade influencia negativamente as ações dos movimentos sociais cujas pautas são a defesa das causas dessas minorias estigmatizadas e excluídas, seja o jovem francês negro da periferia, seja o francês muçulmano descendente de árabe, o imigrante sem teto, o refugiado que chega ao país em péssimas condições e todos aqueles que são diariamente massacrados e condenados a viver em situações que ferem os direitos humanos. Precisamos lutar sem trégua pela desconstrução desses estereótipos que afastam a opinião pública das lutas das minorias.

*Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?*

As elites econômicas e políticas, sejam da França ou do Brasil, se utilizam da mídia que elas mesmas controlam na difusão de uma ideologia que as mantenha no poder. Por que distribuição de renda se elas podem acumular quanta riqueza desejarem? Por que mudar a ordem econômica do mundo, visto que elas são as classes favorecidas? Os meios de comunicação sempre e constituíram em uma das ferramentas mais eficazes de conquista e manutenção de poder na história mundial – vide o forte emprego em sistemas autoritários.

Em um contexto de hegemonia ideológica capitalista e neoliberal em que há necessidade de garantir a concentração de poder e renda a qualquer custo, os movimentos sociais deixam de concretizar várias reivindicações à medida que são marginalizados, desacreditados, criminalizados. A essência de suas reivindicações muitas vezes, não emplaca entre a classe política e não conquista a opinião pública, sobretudo, porque as narrativas midiáticas são desfavoráveis ou superficiais. Na França, apesar do DAL (*Droit Au Logement*) ser um movimento social muito ativo e reconhecido pela população engajada, a maioria dos franceses possui raso conhecimento acerca das bandeiras erguidas pelo movimento. Grande parte da cobertura sobre as ações do DAL na imprensa abordam apenas as ocupações de prédios em Paris e a consequente falência que estas formas de luta promovem nos negócios do proprietário dos imóveis. Às vezes, o proprietário possui sete prédios fechados na cidade para fazer especulação imobiliária e forçar o aumento de preços mas, na visão da mídia, são 250 famílias com crianças morando na rua, no frio que vão fazer o empresário quebrar. Há sempre ruído ideológico na comunicação produzida pela grande mídia. Não há uma apuração detalhada das causas das ocupações.

A mídia francesa, mesmo se constituindo em parte como pública, defende apenas os interesses econômicos ou de manutenção política do grupo que está no poder. Os jornalistas hoje, geralmente pressionados pela indústria da comunicação e pela velocidade imposta na produção de “notícias-mercadoria”, não verificam as fontes com o tempo e esmero necessários para elaboração de matérias que deem voz aos dois lados, que ressaltem o fator humano dos acontecimentos, que se constituam em narrativas que suscitem reflexão. Precisamos debater cada vez mais sobre o sistema midiático de suporte ao poder capitalista no mundo contemporâneo. Um estudo<sup>10</sup> divulgado recentemente pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) revelou que 1% das pessoas mais ricas do planeta detêm 46% das riquezas mundiais. Como promover, então, a justiça social neste caso?

---

<sup>10</sup> Disponível em : < <https://www.voxpublic.org/Les-Nations-Unies-paraphrasent-VoxPublic.html?lang=fr>> Acesso em: 28 de maio de 2017.

*Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.*

Sinalizo na primeira parte da resposta um exemplo recente de cobertura midiática equivocada e claramente comprometida com os interesses da elite vigente, que foi o enquadramento noticioso dos meios de comunicação hegemônicos brasileiros realizado em 2016, no período que antecedeu a destituição da presidente Dilma Rousseff.

A angulação geral da cobertura midiática brasileira disseminou uma ideia de opinião pública favorável ao *impeachment* da presidente, baseada em discurso conservador e autoritário camuflado pela bandeira anticorrupção associada a imagem da população de verde e amarelo nas ruas. O que não era verdade, já que havia um grande número de pessoas que também foram às ruas contra a destituição de Dilma, mas que eram definidas na mídia apenas como apoiadoras do Partido dos Trabalhadores (PT) e não como cidadãos que lutavam contra o risco que um *impeachment* com bases legais tão frágeis representava à democracia brasileira.

O resultado dessa mensagem generalista da grande mídia contra o mandato da presidente e o discurso midiático tendencioso a respeito das leis que estruturaram a ação de destituição do mandato presidencial foi desastroso para o país. Já a imprensa internacional realizou outro tipo de relato sobre o tema se mostrando, inclusive, indignada com a preponderância da cobertura pró-*impeachment* efetuada pela mídia brasileira. *The New York Times*, *The Guardian*, *El País*, *Le Monde* criticaram veementemente a legitimidade do *impeachment* em várias matérias, realizando análises políticas, legais e históricas sobre o assunto. Um exemplo disso foi o jornal *Le Monde* que, mesmo sendo um jornal considerado centrista na França, com forte tendência para a direita, divulgou editorial no dia 26 de agosto de 2016, intitulado “A triste ironia da queda de Dilma Rousseff”<sup>11</sup>. O texto denuncia o *impeachment* sofrido pela presidente Dilma, eleita democraticamente pela maioria do povo brasileiro, como um golpe de estado orquestrado por seus adversários políticos envolvidos em corrupção, pela mídia e pelas elites em uma tragicomédia cuja maior vítima seria o povo brasileiro.

Até eu fiquei surpresa com o teor do texto do editorial do *Le Monde*. Já, na França, além das mídias independentes como o Basta!, o Reporter e Mediapart que elaboram textos mais analíticos e investigativos sobre os movimentos sociais franceses, as rádios da mídia pública como a *France Inter*, *France Info*, *France Culture*, *Rádio France Internationale* (RFI) também exibem bons relatos sobre as pautas dos movimentos sociais. Contudo, hoje, posso dizer que o melhor trabalho realizado na mídia pública francesa, com análises mais complexas e assertivas do contexto

---

<sup>11</sup> Disponível em: <[http://www.lemonde.fr/idees/article/2016/08/26/la-triste-ironie-de-la-chute-de-dilma-rousseff\\_4988341\\_3232.html](http://www.lemonde.fr/idees/article/2016/08/26/la-triste-ironie-de-la-chute-de-dilma-rousseff_4988341_3232.html)> Acesso em: 28 de maio de 2017.

político-social do país, é o desenvolvido pelos humoristas com indagações que revelam aspectos que dificilmente encontramos em material produzido por jornalistas.

*Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.*

Acredito que a imprensa também precisa ser pautada pelos próprios movimentos sociais e ONGs. Fazemos isso na ONG na qual atuo no momento, a *VoxPublic*<sup>12</sup>, cujo foco do trabalho se relaciona com temas como racismo, discriminação e injustiça social na França. A *VoxPublic* apoia outras ONGs, associações e movimentos coletivos a realizar o que denominamos “lobby cidadão”, conjunto de ações estratégicas que visa concretizar reivindicações em forma de leis, resoluções e/ou decisões favoráveis pressionando e sensibilizando governos, políticos e a grande mídia através de um trabalho amplo e bastante prático.

Jean Marie Fardeau, fundador da ONG, constatou, em anos de atuação no terceiro setor, que as ONGs e movimentos sociais possuíam dificuldade em pressionar políticos e comover a opinião pública. Entendemos que uma das ferramentas fundamentais para esse tipo de “lobby cidadão” é pautar a grande imprensa, incentivando, através de argumentos mais convincentes, uma abordagem das reivindicações e causas dos movimentos sociais menos tendenciosa, mais aprofundada. Ou seja, nossa intenção é provocar a mídia a nos retratar da nossa maneira.

Foi com esse objetivo que, recentemente, nós realizamos um trabalho coletivo junto a várias associações, ONGs e movimentos sociais franceses criando e lançando uma carta interativa com objetivo de contrapor a narrativa hegemônica veiculada pela grande mídia de que os franceses não são favoráveis ao acolhimento de imigrantes e refugiados. Narrativa encarnada e apreendida pelo discurso xenófobo da candidata à presidente da França nas eleições de 2017, Marine Le Pen, de que os franceses culpabilizam os imigrantes pelas suas misérias. A carta colaborativa, escrita digitalmente, contou com a participação de vários movimentos e iniciativas sociais cidadãos do país e se constituiu em uma alternativa de sensibilizar a opinião pública com um discurso distinto: de que o povo francês é, ao contrário, muito solidário com os imigrantes. A partir daí, criamos um *hashtag* no *Twitter* e *Facebook*, enviamos *e-mails* para centenas de pessoas na França inteira convidando a participar, contando as suas experiências e iniciativas de cidadãos em favor dos imigrantes. Levantamos mais de 1.000 iniciativas cidadãos de solidariedade aos imigrantes e refugiados por todo o país. Consolidamos o documento interativo em plataforma *web* livre, divulgamos para a grande imprensa e, paralelamente, enviamos a carta, via *Twitter*, para vários jornalistas chamando atenção para o conteúdo que relatava uma França incrivelmente solidária.

---

<sup>12</sup> [www.voxpublic.org](http://www.voxpublic.org)

Essa foi uma excelente via encontrada para pautar a grande imprensa. Tínhamos dados concretos. E o resultado da ação foi a divulgação de várias matérias sobre a solidariedade do povo francês com o imigrante em diversos veículos da grande mídia, como o Le Monde<sup>13</sup>. Uma vitória para nós.

A rádio France Inter, por exemplo, exibiu mais de 1h de programa<sup>14</sup> sobre o assunto. Outra iniciativa que exemplifica um caminho que visa ampliar e dar voz a movimentos sociais brasileiros é a *Autres Brésils*<sup>15</sup> (Outros Brasis). A ONG foi criada há 15 anos na França, por mim e pelo professor de Literatura Portuguesa da Universidade de Caen, Jorge da Costa, com o objetivo de divulgar uma narrativa crítica e analítica das realidades política, social e cultural brasileira aos franceses. Além de um site, onde são publicados, semanalmente, artigos traduzidos para o francês produzidos pela mídia livre, intelectuais e integrantes de movimentos sociais brasileiros sobre a conjuntura do país, a ONG promove anualmente, desde 2005, um festival de cinema documentário social brasileiro, *o Brésil en Mouvements*<sup>16</sup> (BEM), que, ainda hoje, é a única vitrine desse tipo de cinema do Brasil na Europa.

A *Autres Brésils* se tornou uma referência na França sobre os movimentos sociais brasileiros e, ao mesmo tempo, se inspira nas causas e lutas contemporâneas destes movimentos para definir as temáticas da programação do festival de cinema. A ONG pauta atualmente, com muita frequência, a mídia francesa em sua cobertura sobre o Brasil. Além de amplificar a voz dos movimentos sociais brasileiros na França, a *Autres Brésils* atua também com educação popular, promovendo debates sobre o contexto brasileiro na tentativa de explanar e discutir minuciosamente os acontecimentos políticos e sociais do país, contribuindo para uma melhor compreensão dos fatos pelos franceses, longe dos clichês e reducionismos dos conteúdos sobre o país veiculados pela grande mídia.

### *Você identifica diferenças entre os movimentos sociais brasileiros e franceses? Exemplifique.*

Quando pensamos em movimento social na França e no Brasil é preciso refletir sobre as diferenças nas concepções de cultura e de organização social das sociedades francesa e brasileira. A palavra movimento social no Brasil evoca o imaginário coletivo comum de um país extremamente desigual, com estrutura de classe social piramidal muito bem definida em que os membros não se misturam. Já no contexto francês, raramente enxergamos os movimentos sociais sob essa perspectiva. Por quê? Porque a França é um país que, apesar de todos os problemas

---

<sup>13</sup> Disponível em: <[http://www.lemonde.fr/chronique-des-communs/article/2017/05/03/une-carte-participative-des-initiatives-de-solidarite-avec-les-migrants\\_5121720\\_5049504.html?xtmc=erika\\_campelo&xtr=1](http://www.lemonde.fr/chronique-des-communs/article/2017/05/03/une-carte-participative-des-initiatives-de-solidarite-avec-les-migrants_5121720_5049504.html?xtmc=erika_campelo&xtr=1)> Acesso em 28 de maio de 2017.

<sup>14</sup> Disponível em: <[https://www.franceinter.fr/societe/une-carte-interactive-pour-mettre-en-avant-les-initiatives-en-faveur-des-migrants?xtmc=intiative\\_citoyen&xtnp=1&xtr=12](https://www.franceinter.fr/societe/une-carte-interactive-pour-mettre-en-avant-les-initiatives-en-faveur-des-migrants?xtmc=intiative_citoyen&xtnp=1&xtr=12)> Acesso em: 28 de maio de 2017.

<sup>15</sup> [www.autresbresils.org](http://www.autresbresils.org)

<sup>16</sup> Brasil em Movimentos. Tradução nossa. Disponível em: <<https://bresilenmouvements.org/>> Acesso em: 28 de maio de 2017.

sociais que são cada vez mais visíveis - como nas últimas eleições presidenciais de 2017, quando a extrema direita chega ao 2º turno com Marine Le Pen, sustentada por um discurso que encontrou eco na perda do poder econômico das classes médias mais baixas e das populações semi-rurais – é bem mais igualitária que o Brasil.

Além de tudo, o Estado democrático francês é sólido, ao contrário da democracia no Brasil, que se mostrou muito frágil, sobretudo após o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff em 2016. As bases históricas, político-econômicas e culturais não são as mesmas na França e no Brasil e, portanto, há reflexos discrepantes nas pautas sociais e coletivas reivindicadas pela população de cada país. Na França, temos movimentos, organizações e associações militando em causas estritamente relacionadas à cidadania, que, na maioria das vezes, não advêm de contextos de infraestrutura básica como comida, teto, terra, muito frequentes nas bandeiras de lutas sociais no Brasil.

Exemplifico com um movimento social francês forte, de muita repercussão, que foi a luta simbólica por mais de 15 anos contra a construção do aeroporto Notre-Dame-de-Landes nos arredores da cidade de Nantes, na região de Loire Atlantique, noroeste francês. O presidente François Hollande havia prometido em seu governo viabilizar esse empreendimento, um projeto que, segundo as pessoas que são favoráveis, é um vetor de crescimento econômico e turístico vital para a região. Contudo, já existe um aeroporto internacional na região classificado no contexto desse argumento, como insuficiente no atendimento às demandas comerciais e industriais da cidade. As pessoas que lutam contra a construção desse novo aeroporto são militantes ecológicos que foram muito presentes na COP21 (Encontro das Nações Unidas contra as mudanças climáticas realizado em Paris, em dezembro de 2015) com o discurso da necessidade urgente de mudança no paradigma de desenvolvimento econômico mundial, que deve estar em harmonia com a sustentabilidade do planeta.

A instalação desse megaprojeto de construção vai destruir todo um ecossistema de um tipo de vegetação que se encontra em extinção na França, o *bocage* (bosque típico da Bretanha), que ainda está muito presente nessa região. Desde 2008, um grupo de centenas de militantes se instalaram em cabanas de madeira no *bocage*, a fim de resistir ao projeto do aeroporto, enfrentando todo tipo de batalhas, inclusive com a polícia. A área ocupada, denominada de ZAD<sup>17</sup>, Zona a Defender, sem dúvida, se constitui em dos maiores centros ocupados da Europa. Porém, em junho de 2016, foi realizado um referendo com a população local, que aprovou por 55% de votos favoráveis a instalação do empreendimento. Os grupos ativistas contestaram o referendo, já que apenas certas regiões (as que se mostravam a favor da obra) puderam participar. Foi uma atitude claramente hipócrita do governo.

Há, portanto, um movimento social francês que talvez tenha maior semelhança com os movimentos sociais do Brasil, o DAL, movimento *Droit Au Logement* (Direito à Moradia) que existe

---

<sup>17</sup> Zone à Défendre

há 20 anos. É um movimento de base, que, como o MTST (Movimento dos Trabalhadores sem Teto) brasileiro também realiza ações de ocupação de prédios vazios. Contudo, envolve principalmente imigrantes, em sua maioria, ilegais, que são as pessoas mais afetadas pela precariedade social na França.

### *Considerações finais*

O grande desafio contemporâneo dos movimentos sociais, das mídias livres e dos movimentos progressistas no mundo é a desconstrução de estereótipos e a construção de novos paradigmas para vivermos em democracia, em sociedades mais justas, mais igualitárias e em sintonia com o desenvolvimento sustentável do planeta. Precisamos destruir visões de mundo arcaicas, impregnadas por ideias escravagistas, coloniais, imperialistas, machistas, e viabilizar novos paradigmas para tornar o planeta um lugar mais solidário, em paz e em harmonia. Os movimentos sociais têm papel fundamental neste novo cenário de senso comum social a construir. Por isso, devem manter-se firmes em suas lutas, inovando em linguagem e estratégias de ação e comunicação para a conquista da opinião pública e para a transformação de posicionamentos tendenciosos e redutores sustentados pela grande mídia. Um novo mundo é possível!

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

**PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)**



Universidade de Brasília

